



Universidade Federal do Pará

**Projeto de Pesquisa "Diagnóstico do Engenho Aproaga e seu Entorno
a ser Realizado em Parceria com as Comunidades Locais"**

**Processo no IPHAN: Processo nº 01492.000372/2011-75
Contrato Nº 06/2012**



**RELATÓRIO DO SEMINÁRIO
*PATRIMÔNIO CULTURAL, TERRITÓRIO E
MEMÓRIA***

**Belém,
Novembro/2014**

Apresentação

A equipe de pesquisa do Projeto de Pesquisa “Diagnóstico do Engenho Aproaga e seu Entorno a ser Realizado em Parceria com as Comunidades Locais” definiu na sua primeira reunião realizada na quinta feira, 31 de maio de 2012 como resultados ou “produtos” os indicados a seguir:

- “Exposição Povos do Aproaga: patrimônio imaterial e memória”
- Elaboração e impressão de Álbum¹
- Seminário final

O presente relatório é relativo ao Seminário PATRIMÔNIO CULTURAL, TERRITÓRIO E MEMÓRIA realizado na cidade de São Domingos do Capim no dia 13 de setembro de 2014. Nesse evento foi exposto um dos banners da “Exposição Povos do Aproaga: patrimônio imaterial e memória”, o Álbum na versão em fase de revisão naquele momento².

O Seminário Final foi anunciado no nono (9º) pedido de aditivo enviado ao IPHAN através do ofício Nº 17 de 27 de junho de 2014 para o período de realização do de 9 a 11 de setembro.

A data de setembro foi acordada com a Associação de Remanescentes de Quilombos do Rio Capim – AQURC e dessa entidade tivemos uma destacada colaboração. O presidente da AQURC senhor Manuel Clauderi Coutinho da Luz esteve em Belém para levar os Ofícios dirigidos ao Senhor Alberto Yoití Nakata - Prefeito do Município e a Secretaria Municipal de Educação.

A administração municipal contribuiu, primeiro, cedendo o espaço da Biblioteca Pública, uma vez que o Parroco de São Domingos do Capim negou, no último momento, o espaço da igreja. Segundo, articulando com a Secretaria Municipal de Educação de São Domingos do Capim para o transporte dos quilombolas desde suas comunidades no médio rio

¹ O CD contendo o Álbum na sua versão final foi entregue na FADESP e no IPHAN acompanhado do ofício Nº 20 de **23 de outubro de 2014** e o mesmo consta em anexo.

² Igualmente foram divulgados materiais de vídeo e gravação que não constam expressamente da lista oficial de produtos para o IPHAN.

Capim até a sede municipal. Terceiro, realizando o convite para professores e alunos da rede municipal de Ensino.

Programação do Seminário

Patrimônio Cultural, Território e Memória

DATA: 13 DE SETEMBRO DE 2014

LOCAL: BIBLIOTECA PÚBLICA IGREJA DE SÃO DOMINGOS DO CAPIM

9:00 ABERTURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, AQUARC, IPHAN, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
DO MUNICÍPIO DE SÃO DOMINGOS DO CAPIM

10:00 PATRIMÔNIO, CULTURA E TERRITORIALIDADE DOS POVOS DO PROAGA

Pesquisadores: Rosa Acevedo Marin (PPGA/UFPA), Eliana Ramos Ferreira
(NPI/UFPA), Fernando Tavares Marques (MPEG)
Comentarista: Diogo Menezes Costa (PPGA/UFPA)

Abertura da Exposição: **Povos de Aproaga: território, memória e patrimônio**

Lançamento do Livro: **Patrimônio, Cultura e Territorialidade dos Quilombolas do Rio Capim**

Público participante: Quilombolas do Rio Capim e Professores da Rede Municipal de Ensino

Participantes

No salão da Biblioteca estiveram presentes 79 pessoas que fizeram o registro dos seus nomes na lista de frequência em anexo. Destes destacou-se o grupo procedente das comunidades quilombolas de Taperinha, Sauá Mirim, Benevides e Alegre Vamos.

Destaques do evento

A Mesa inicial foi formada pela Senhora Maria Dorotéia de Lima, Superintendente do IPHAN, autoridades locais (representante do Prefeito, Secretaria de Educação, Secretaria de Cultura), presidente da AQUARC e coordenação do Projeto.

No intervalo para a segunda Mesa com o título Patrimônio, Cultura e Territorialidade dos Povos do Aroága houve apresentação de vídeo makers.

Essa mesa foi integrada pelos quilombolas Domingos Gomes dos Santos e Antonio da Silva Coutinho e Manoel Clauderi Coutinho da Luz. Os pesquisadores Rosa Acevedo Marin (PPGA/UFGA), Eliana Ramos Ferreira (NPI/UFGA), Fernando Tavares Marques (MPEG) realizaram uma exposição substancial do Projeto. Os comentários da mesa foram feitos pelo professor Diogo Menezes Costa (PPGA/UFGA). Após foi franqueada a palavra para o público. Os presentes foram obsequiados com uma mesa de frutas, sucos, refrigerantes.

Como recordação do evento para todos os presentes foi oferecida uma fotografia do Engenho Aroága, impressa em cores (Anexo)

Fotografias do Seminário



Fotografia do rio Capim na frente da cidade de São Domingos do Capim onde se realizou o Seminário.



Vista da Igreja antiga e da nova Igreja. Os pesquisadores presentes manifestaram preocupação pelas ameaças do patrimônio da igreja centenária.



Vista do auditório nas preliminares de organização do salão e chegada do público. As primeiras fileiras foram ocupadas por crianças e adultos vindos dos quilombos do medio Capim.



Público presente e na primeira fila observa-se que os quilombolas mostram com orgulho a foto do Casarão do Aproaga.



Tempo de apresentação dos video makers produzidos pela equipe.



Vista do auditório e à esquerda grupo de colaboradoras designadas pela Secretaria Municipal de Educação.





Os presentes são servidos de frutas (banana, uva, melancia, tangerina, maçã) pães, bolos e sucos.





Acompanhamento da apresentação de slides durante as exposições dos pesquisadores.



Na fotografia a senhora Maria Dorotea de Lima – Superintendente do IPHAN

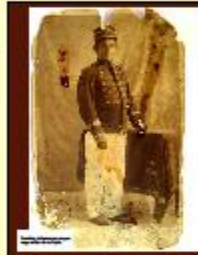
“Exposição Povos do Aproaga: patrimônio imaterial e memória”

Durante o Seminário Patrimônio Cultural, Território e Memória foi feita a abertura da “Exposição Povos do Aroáras: patrimônio imaterial e memória”. Considerando as condições do espaço foi feita uma amostra parcial dos banners que a compõem.

Povoamento e Sociodiversidade do rio Capim, das cabeceiras à foz

Ocupação indígena:

Várias narrativas ressaltam o povoamento indígena, no alto rio Capim e a intrínseca rede de relações sociais que estabeleceram com os antigos trabalhadores dos canaviais. As margens do rio Capim representam a diversidade de povos indígenas pela presença dos Amanayé e os Tembé. O alto Capim havia sido tradicionalmente ocupado pelos Amanayé, localizados entre os igarapés Arandeuá e Surubijá. No ano 1945, no governo do coronel Magalhães Barata foi criada a "Reserva Amanayé". Hoje eles estão distribuídos nas Terras Indígenas Sarauá e Barreirinha, fora dessa antiga reserva. Contudo, são áreas invadidas por fazendeiros e existem conflitos com lenta solução.



Morador de Quindeua



São Mateus

No médio e baixo rio Capim os senhores proprietários de engenho introduziram os escravos nas plantações de cana-de-açúcar que floresceram durante o período colonial e império e, em parte substituído o estroivismo de cacau nestas terras, que haviam visto surgir as antigas vilas como Santana do Capim.

A decadência dos engenhos concomitante à abolição da escravidão reconfigurou o povoamento no baixo e médio Capim, surgindo os novos povoados como Quindeua, Badajós, São Mateus, Saul-Mirim, Ipiruna, Tapetinha.

Os cemamentos entre indígenas e quilombolas foram indicados como frequentes por antigos ocupantes do rio Capim.

O povoado quilombola de Quindeua está localizado neste segmento do rio, assim como Badajós.

POVODOS LOCALIZADOS ÀS MARGENS DO RIO CAPIIM

No alto rio Capim, os povoados têm sua história entrelaçada com a economia da colônia, do império e as tensões de poder local. Uma notícia de conflitos hierárquicos indica que em janeiro de 1834 o capitão da Guarda Nacional no Distrito de Badajós do rio Capim havia sido "humilhado" pelo Juiz da Paz. Não raro, também os documentos solicitam a cessão de Guardas para executar serviços e se conhece os atos de rebeldia ante o recrutamento compulsório.

Badajós possui edificações que lembram sua grandeza social como a antiga igreja, em avançado estágio de entupimento daquele que foi um entreposto comercial importante no século XIX.

Também nele existe um cartório, que recentemente foi mudado para o povoado Ribeira. As pessoas lembram as festas de junho, que nesse povoado "eram notáveis".

Ribeira, situada abaixo de Badajós, acolheu o Cartório deste segundo povoado cujo acesso efetivo por uma estrada acidentada, não asfaltada e margeada por fazendas. O povoado possui alguns pequenos comércio e casas de alvenaria.

São Bento, Quindeua e São Mateus são povoados referidos à identidade dos quilombolas do Apropa, o que é feito por um reconhecimento de sua ancestralidade.

A Missão de São Bento localizava-se na margem direita do rio Capim, um pouco abaixo da boca do rio Candiru-Mirim, conforme mapa feito por Barbosa Rodrigues, em 1875. No diário da visita pastoral feita pelo Frei João de São José, em janeiro de 1782, a aldeia foi referida como: "nova povoação de índios que saíram do mato, onde desde muito andavam fugidos, em número de cento e quarenta pessoas", e que "Ainda não tinham sido visitados".

A povoação foi batizada de São Bento do Capim pelo padre João, que em sua estada de dois dias naquela localidade "se confessou e comungou muita gente" (CASTELLO BRANCO, 1865, p. 204-205). Em outra visita pastoral, desta feita realizada pelo Frei Caetano Brandão em 1784, a missão de São Bento configurava-se como uma "povoação muito pequena: só achamos algumas poucas mulheres e três ou quatro homens, por andarem os outros em serviço". Porém, em seguida em seu texto, Brandão complementava que a freguesia de São Bento era muito pequena, que não chegava a contar cem pessoas, e "era bonita e abundante de peixe, e carne do mato", e onde havia uma pequena capela. (AMARAL, 1987, p. 270).

São Mateus é um povoado antigo cujas terras possui uma diversidade de árvores frutíferas (tucumã, uxi, bacuri, anacá, pupunha, manga) que constituem parte de herança.

Atualmente, liga-se por um ramal à PA 252, possui umas 30 casas. O cultivo de roças é feito segundo as práticas de plantação mista - mandioca, milho e arroz no mesmo roçado. A agricultura é combinada com a pesca incluindo como espécies mais encontradas o Acará e Pirabock.

Outra referência histórica do Vale do rio Capim é a Fazenda Giradouro. De acordo com Vianna (1992), esta fazenda ficava à margem esquerda do rio Capim e possuía 1.557 braças de frente, situando-se em terras entre "o marco fidalgo até ao do Teuá-puk, e fundos até o Igarapé Jurutina". Além disso, as terras compreendiam também um cacau situado na margem direita do Capim, com duzentas e cinquenta braças, contadas do Igarapé Gapoly para baixo. Esta propriedade pertencia ao padre Manoel Gaspar de Fonseca, que morreu em 1791, e por seu testamento, repassou-a ao Hospital dos Pobres.



Piilo, São Mateus



Sr. Ricardo, São Mateus



Andaraí	Capim
Arangas	Caral
São João Gendinho	Cipitana
Santana	Sacat Agê
São Bento	Vila de Capim
Chalé	Pavão
Café	Santa Maria do Brasil
Palhada	Santa Amaro
Monte Alegre	Podalhe
São Raimundo	Badajós
São Sebastião	São Pontal
Nazari	Amal
Agenciação	Santa Rosa
Manoel	São Mateus
Santos Reis	São Bento
Badajós	Sacatinha
Quaranta	Vila Nova
Parlão	Nova União
Alcorta	Nova Esperança
Poual	Sua Esperança I
Tupã	Sua Esperança II
Manoel	Badajós
Quindeua	Vila de Santa Ana
João	DEB
Sacat	Itapira
Parlão	Tapetinha
Nova Vila	Sacat-Mirim (Ponte)
Alcorta	Sacat Grande
Nova União	Sacatinha
Nova Capim	Tapetinha
Monte Alegre	Alcorta
Brasão	Alcorta
Lacônia	Sacat Grande
Deus por Nós	

POVOS DO APROAGA

"Povos de Aproaga" é uma autodesignação e enquanto categoria de existência coletiva os têm conduzido a uma politização do antigo casarão, engenho do Aproaga, e uma autodenominação afirmativa do que este representa enquanto cultura, símbolo e mesmo uma política de preservação e gestão como patrimônio.

Sobre as ruínas se constrói um eixo de mobilização política que é percebido pelos pesquisadores das instituições científicas (Museu Emílio Goeldi, Universidade Federal do Pará), pela burocracia do Estado (IPHAN, INCRA), pelas autoridades municipais e pela sociedade do Vale do Capim.

A Associação Quilombola Unidos do Rio Capim - AQUROC - em representação dos Povos do Aproaga, reivindica o território de pertencimento e o reconhecimento de direitos e sobre estes dois elementos se constroem os diálogos, as questões, as ações do grupo e da entidade representativa.

As indagações a propósito de estratégias e sobre as condições de possibilidade para obter a titulação coletiva são formuladas de forma reiterativa entre eles e em instâncias de lutas de poder.



A história de Canavial é a chave para conhecer a autonomia territorial e política dos Povos do Aproaga.

Primeiro é o nome original do povoado mais antigo que se formou à margem esquerda do rio Capim, na frente, mais um pouco acima do Casarão do Aproaga e o povoado mais próximo da vila de Sant'Anna, situada à margem direita do rio.

Segundo, com a formação deste núcleo por Gil Herculano dos Santos, filho de Arcolano Domingos dos Santos, as unidades domésticas que se formam adquirem autonomia territorial em relação aos domínios dos proprietários do engenho. Ali abriram as primeiras roças, caçam, pescam e extraem os produtos necessários para fabricar casas, canoas e cestas.

Ao que parece, havia um canavial deste lado do rio e os antigos trabalhadores do engenho vieram se instalar, mesmo sabendo que a economia da cana e do engenho entrava em decadência, logo as terras foram liberadas. Alguns documentos conferem esta afirmação com as terras da Ponta ou Sauá-Mirim.



"Essa terra era conhecida como Canavial, lugar de 'preto fujão', na época da escravatura muitos (se refere aos escravos) se esconderam aqui. Chamavam a gente lá em Santana (ele se refere a Santana do Capim) de 'os pretos do canavial'. Depois de meu avô que mudou o nome, passou a Ipixuna, agora dizem Nova Ipixuna, não sei por que 'nova', continua sendo a mesma." (BARBOSA, 2008, p. 99)



A neta de Gil Herculano dos Santos e Luiza Maria da Conceição dos Santos é a senhora Maria América dos Santos, que em fala pausada, complementa a descrição desse movimento da margem esquerda para a direita do rio Capim, quando em companhia dos pais Manoel Raimundo dos Santos e Adelia Maria da Conceição (filha do Gil) empreenderam a mudança da margem esquerda para a direita.

Mais depois a gente crescendo meu pai virou ...veio saindo aí nós atravessamos já para esse lado, daí da Santa Maria da Taperinha. Vendeiro pra outros, pra outros pessoal né? Aí meu pai atravessou já para esse lado nós ficamos pra aí... Nós não ganhamos nada de lá só mesmo era de ser escravo, eles e nós todos, só de ser escravo, aí o que ele ainda puderam dá pra ele foi esse terreno, que ainda passaram hoje pra aí mais ainda deram o terreno né? Disse: 'esse terreno é pra vocês trabalharem', aí foi que nós ficamos nesse terreno que nós estamos até hoje ... E isso que é. Sempre quando pessoal vai lá pergunta, eu digo não o caso era isso, meu pai contava, eu ainda me lembro do doutor Pinheiro, da dona Lalá, que era mulher dele, tudo só não me lembro bem do doutor Pedro Miranda e mulher dele por que nesse tempo, eu tava mais pra criança. Mais a minha mãe mesmo contava que eles era empregado deles, eles só davam coisas pra eles, roupa pro meu pai, minha mãe cortava cana, junta cana pra moerem, moerem no engenho, no engenho bonito lá de moer cana ... Bandalhou tudo né?

Nos novos territórios se fixaram também os santos herdados. A senhora Maria América dos Santos recebeu a imagem de Nossa Senhora da Conceição, a quem se devotou.

Já o senhor João da Conceição da Silva Santos, ganhou de herança de sua mãe a imagem do Divino Espírito Santo, que ficou em Nova Ipixuna (antes Canavial). Os pais de João da Conceição da Silva, eram a senhora Joveniana dos Santos (filha de Gil Herculano) e do senhor Francisco da Luz (filho do líder da revolta do Capim, João da Luz).

A origem de Sauá-Mirim ou Ponta (ou "Bico de Ponta") denominação dada pela forma de meandro do rio Capim que se forma neste segmento) ao Senhor João da Conceição da Silva Santos (de Nova Ipixuna) que reiterou as informações:

Os antigos contavam assim, que o José Luz comprou do Pedro Miranda e trouxe sua família, todo esse pessoal que mora lá hoje, é parente do José Luz, são netos e bisnetos dele, mas sempre foram nossos amigos. Mas não era nessa ponta daqui da frente que moravam, eles moravam, mais em cima, foi depois que vieram pra essa ponta perto da "Mantegagem" [Taperinha] (BARBOSA, 2008, p. 104 e 105).



A senhora Antonina Gomes dos Santos (Antonina) moradora de Taperinha e seu filho Domingos Gomes dos Santos que tem sua casa em Alegre Vamos.

A história de Benevides tem sua origem na época da madeira, na década de 1960, quando instalou-se uma "grande serraria" nesse lugar. O sítio Terezinha foi rebatizado como Benevides em alusão à origem da serraria e seus donos.

Eles se transferiram de Benevides, distrito de Belém e, contando com os incentivos fiscais da SUDAM para esta nova localização, construíram o prédio (um grande galpão) e instalaram o maquinário.

A arqueologia das serrarias instaladas no rio Capim ainda está por ser escrita e a Serraria que pertenceu a Sr. Osvaldo Camará, nome que está na lembrança da Sra. Sodrelina.

Esta empresa fazia a exportação de toras de mogno e hoje não se encontra tal espécie nas redondezas. O fim da serraria é lembrada pelos entrevistados dizendo que ela declarou falência, mas também tem a memória dos destroços que fez das plantações e árvores dos "antigos do Aproaga" que existiam no igarapé Icuí.



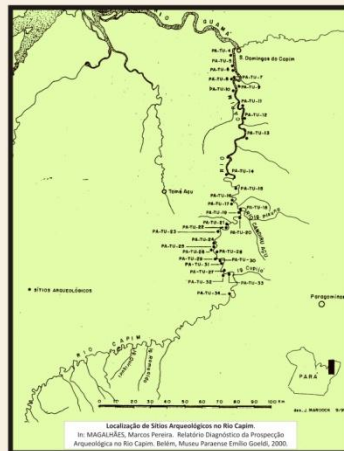
Arqueologia no Vale do rio Capim

O estudo dos lugares antigos sob o enfoque da Arqueologia permite a compreensão dos modos de vidas das sociedades do passado, que se expressaram de várias formas em seu cotidiano.

O uso do espaço, a escolha de materiais, a elaboração, transformação e descarte de objetos podem refletir os costumes que são próprios de sua cultura ou resultantes de interações com outros grupos étnicos.

No vale do rio Capim é possível constatar indícios de inúmeras povoações oriundas da antiguidade, assim como também aldeias indígenas, missões religiosas, fazendas e assentamentos de quilombos, relativas aos períodos colonial e imperial.

Em pesquisa arqueológica feita pelo Museu Emilio Goeldi em 1999 foram registrados 34 sítios ou ocorrências arqueológicas pré-históricas, situados ao longo do rio Capim, desde sua foz até as proximidades do Igarapé Cupijó, em um percurso de cerca de 250km.



Esta marcante densidade se equipara ao número de localidades ou empreendimentos existentes em fins do século XIX, conforme assinalado no mapa de Barbosa Rodrigues datado de 1875, e em relatos de viajantes exploradores.

O naturalista inglês Alfred Russel Wallace, esteve naquela região em 1848, afirmou que havia no rio Capim "...lavoures de cana e de arroz e as casas construídas pelos primeiros portugueses que se estabeleceram ali, com bonitas capelinhas, as cabanas dos negros e dos índios em roda de suas propriedades, tudo melhor de aparência e gosto em confronto com qualquer das construções agora erigidas ali."

Nos dias atuais a paisagem local apresenta um panorama bem distinto daquele testemunhado no passado por viajantes exploradores.

Daquela período de prósperas fazendas, engenhos e outras propriedades restaram apenas resquícios.

Na maior parte encobertas pela vegetação, algumas destas construções estão já em ruínas, num estado de quase completo abandono, mas de consistente presença na memória na população remanescente.

Ainda hoje em várias localidades é muito comum encontrarmos em meio ao terreno dos sítios, alguns pedaços de objetos antigos como pratos, garrafas, moedas.

O estudo detalhado destes achados pode ajudar a reconhecer os aspectos culturais das pessoas que lá viveram, como seus costumes, seu cotidiano, suas escolhas – enfim, a sua vida material.



Alguns casos de vasilhas cerâmicas podem ser encontrados na superfície da estrada que dá acesso à localidade de Tapereira.



Coleção de vários materiais antigos que foram recolhidos em área próxima ao Engenho Agraço e estão guardados pela professora Ana Cristina Ferreira da Silva, em Belém.



Fragmento de louça achado próximo ao Engenho Agraço.



Conjunto de cacos de pratos e telhas de taça fina encontrados na área do Engenho Tapereira.



Pedaço de vasilha cerâmica registrada na área da povoação Nossa Senhora do Carmo.



Na localidade de Cajupó foi encontrado um fragmento de prato em taça fina inglesa, com marca de fabricação datada da segunda metade do século XIX.



Fornilho de cachimbo cerâmico decorado, achado na área da povoação Nossa Senhora do Carmo.



Vários cravos de ferro observados na área da povoação Nossa Senhora do Carmo.

Considerações finais

A proposta do Seminário Final Patrimônio, Cultura e Territorialidade cumpriu a contento seus objetivos por ter submetido a um público amplo formado por estudantes, professores, técnicos, moradores do município de São Domingos do Capim e, prioritariamente, os quilombolas o resultado de um trabalho de pesquisa rigoroso que se enquadra no campo da Antropologia Social, Arqueologia e História.

Ao longo do desenvolvimento dos trabalhos os quilombolas, identificadas no projeto como “comunidades locais” tiveram uma participação permanente, ativa e que representa o reencontro de significados do patrimônio cultural, o qual é fundamento de reivindicações territoriais e reconhecimento de direitos étnicos.

Outro fato revelador desse envolvimento com as comunidades locais observou-se com a presença de estudantes adolescentes que estiveram acompanhados por seus professores e manifestaram grande interesse, pois não tinham nenhum conhecimento desta realidade histórica e antropológica.

Conforme estabelecido no Projeto apresentado ao IPHAN e aos quilombolas este deveria responder às expectativas de mais de quatro anos dos Quilombolas do Aroá solicitaram e mobilizaram pesquisadores e técnicos do IPHAN em relação a um fragmento valioso do seu patrimônio cultural - símbolo de pertencimento e de identidade, o que o define como elementos centrais de sua “autoconsciência cultural”. Reiteramos o que já é apontado em outros textos que a afeição, sentimentos de pertença e politização do patrimônio que esses agentes sociais realizam correspondem a uma manifestação de “autoconsciência cultural” que conforme Shallins “se vem desenvolvendo entre as antigas vítimas do imperialismo é um dos fenômenos mais notáveis da história mundial no fim do século XX”. (SAHLINS, 2005. P. 17).

A equipe de pesquisa agradece aos quilombolas do Aroá por seus ensinamentos, amizade e confiança. Estes resultados lhes pertencem por direito.

Anexos



Universidade Federal do Pará

Projeto de Pesquisa "Diagnóstico do Engenho Aproaga e seu Entorno a ser Realizado em
Parceria com as Comunidades Locais"

Processo no IPHAN: Processo nº 01492.000372/2011-75
Contrato Nº 06/2012

Ofício 20/2014

Belém, 23 de outubro de 2014

Ilma^a Sra.
Maria Dorotéia Lima
SUPERINTENDENTE DO IPHAN/PA
C/c Sr. Sinfrônio Brito Moraes

Prezada Senhora,

Comunicamos, mediante a presente correspondência, a finalização do trabalho de montagem do álbum **Patrimônio, Cultura e Territorialidade dos Quilombolas do Rio Capim** organizado pelos pesquisadores Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Eliana Ramos Ferreira e Fernando Luiz Tavares Marques. Nesta data a profissional responsável pelo designer fez a entrega do arquivo gravado em DVD e impresso em papel.

O cumprimento desta etapa foi complexo. Já para viabilizar a impressão gráfica vimos encaminhar o pagamento da 4ª. Parcela, conforme as normas estabelecidas no Convenio assinado.

Agradeço pela satisfação de ter reavivado os laços de cooperação orientado para uma temática cultural e politicamente prioritária, atualmente enquadrada na noção de patrimônio. As formas como os quilombolas do rio Aproaga passam a se apropriar do território destacam a politização do patrimônio.

Atenciosamente,

Assinatura manuscrita em tinta azul de Rosa Elizabeth Acevedo Marin.

Rosa Elizabeth Acevedo Marin

CONVITE



Projeto “Diagnóstica do Engenho Aproaga e seu Entorno a ser realizado em parceria com as Comunidades Locais”

Associação dos Remanescentes de Quilombo Unidos do Rio Capim



Convidam para o Seminário “PATRIMÔNIO CULTURAL, TERRITÓRIO E MEMÓRIA” a realizar-se na cidade de São Domingos do Capim, conforme Programação em anexo.